

A interpretação de um comunista sobre o Brasil do Século XX: os escritos de Rui Facó (1958-1963).

Emmanuel Teixeira Carneiro
emmanuelcarneiro@yahoo.com.br

Simpósio Temático: Mundos do Trabalho: Classe, Cultura e Trabalho na História

Resumo: Este escrito tem por objetivo apresentar e analisar parte das fontes referentes ao projeto de pesquisa “Rui Facó: a interpretação de um intelectual comunista sobre o Brasil do século XX (1945 –1963)”, demonstrando que os escritos do intelectual comunista evidenciam uma leitura que o qualifica como um dos intérpretes do Brasil. Inicialmente, um esboço da trajetória de Rui Facó é traçado, destacando aspectos que são fundamentais para a compreensão dos escritos. Em seguida, é apresentado o *corpus documental* da pesquisa, de forma sumária, assinalando as fontes principais. Procura-se, ao longo do texto, demonstrar que os escritos do intelectual são significativos para compreender uma interpretação do Brasil que coloca a questão agrária como central para o desenvolvimento econômico.

Palavras-Chave: Rui Facó. Intérprete do Brasil. Escritos. Comunismo no Brasil. Brasil do Século XX.

Abstract: This writing aims to present and analyze some of the sources related to the research project " Rui Facó : the interpretation of an communist intellectual about Brazil of the twentieth (1945 -1963) century ," demonstrating that the writings of the communist intellectual show a reading that qualifies him as one of the Brazil's interpreter. First, a sketch of the career of Rui Facó is made, highlighting aspects that are fundamental to the understanding of the writings. Then the documental corpus of the research is presented in a summary form, pointing the main sources. Along the text we try to demonstrate that the writings of the intellectual are significant to understand an interpretation of Brazil that places the agrarian issue as central to economic development.

Keywords: Rui Facó. Interpreter of Brazil. Writings. Communism in Brazil. Brazil twentieth century.

Introdução

O intelectual Rui Facó – escritor, jornalista, crítico literário, militante comunista – é cearense da cidade de Beberibe, onde nasceu em quatro de outubro de 1913. Realizou estudos em Fortaleza, onde ingressou no curso de Direito, concluído na Faculdade de Direito da Bahia, em Salvador. Desde muito jovem se engajou nas lutas sociais brasileiras. Ainda, em Fortaleza, iniciou seus primeiros passos como jornalista e entrou para o Partido Comunista do Brasil (PCB), militando neste até o final de sua vida. Como jornalista, em Salvador, trabalhou nos *Diários Associados* e colaborou de forma ativa com a fundação das revistas *Seiva* e *Flama*, como anotado na memória escrita de João Falcão (1988).

Na conjuntura dos fins da Segunda Guerra Mundial, Rui Facó mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se vinculou mais diretamente ao periodismo de características militantes, participando do trabalho de redação do jornal *A classe operária*, o principal porta-voz da imprensa comunista brasileira na época. Já nos anos 1950, viveu outra experiência: a de morar na União Soviética, trabalhando na Rádio Moscou e dando continuidade a sua atividade de jornalista e crítico literário. Segundo Moisés Vinhas(1963), foi durante essa estadia no país citado que Rui Facó aprofundou seus estudos teóricos e pesquisas sobre a história e realidade brasileira.

De volta ao Brasil, o intelectual esteve engajado em um momento de renovação da linha política do PCB. O Partido, entre 1954 e 1958 passou por “mutações” teóricas, políticas e organizativas. Os acontecimentos da conjuntura, a estabilidade política-econômica no período do Governo Juscelino Kubitschek, o impacto e desdobramentos ocasionadas pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e os problemas internos do PCB podem ser apontados como fatores que provocaram as mudanças (SEGATTO, 1995, p. 33). Pode-se dizer, baseado na produção escrita desse período, que foi o momento mais fértil de sua produção intelectual. Percebemos Rui Facó colaborando com vários aparatos de imprensa vinculados ao projeto editorial do PCB, quando se tornou um dos redatores do periódico comunista *Novos Rumos* e membro do conselho de redação da revista teórica *Estudos Sociais*, cujo editor foi Astrojildo Pereira. Ainda, assumiu a direção da revista *Problemas da Paz e do Socialismo* – Revista Teórica e de Informação Internacional. De forma ativa, esteve nessas atividades até o dia quinze de março de 1963, quando faleceu em um desastre aéreo na Cordilheira dos Andes.

Nossa hipótese principal é que Rui Facó foi um dos nossos chamados “Intérpretes do Brasil”. Para verificar a validade de tal hipótese é necessária identificar seu esforço, como intérprete, em seus escritos publicados. Desse modo, apresentamos, de forma sumária, o conjunto de escritos publicados em diversos aparatos político-culturais onde o intelectual comunista interveio.

Os escritos de Rui Facó

Neste estudo nos interessa situar o pensamento de Rui Facó no contexto em que desenvolveu sua atividade como pensador, jornalista e militante comunista; tornando-se imperativo a exaustiva consulta às fontes dispersas onde se pode divisar, em sua produção escrita, as marcas sociais do tempo, suas influências no plano teórico, as leituras de formação, bem como a escrita jornalística como escrita de intervenção e crítica às ideias dominantes. Assim, abordar a trajetória intelectual e o pensamento de Rui Facó, como apresentado em seus livros, artigos, ensaios, participação no periodismo comunista, tendo como centralidade, a identificação em sua trajetória intelectual, e seu contributo na qualidade de um dos intérpretes do Brasil.

Os escritos de Rui Facó são encontrados em jornais, revistas teórico-culturais e livros. São reportagens, críticas de livros, artigos e ensaios. Trata-se de registros de uma escrita de intervenção militante. Segundo um de seus contemporâneos, Moisés Vinhas (1963), os temas, a matéria de que se nutre a escrita de Rui Facó se encontra em articulação às questões de fundo social, com ênfase nos conteúdos de denúncia das graves mazelas e dos sofrimentos do povo sem terra e desprovido de direitos fundamentais. Ao fazermos o levantamento da obra impressa de Rui facó, e analisar sumariamente sua trajetória intelectual, podemos perceber uma síntese de demoradas, seguras e profundas reflexões sobre os acontecimentos de sua época, debates teóricos palpitantes e seu esforço de interpretar a sociedade brasileira e difundir determinada concepção de mundo. A maior parte dos escritos encontra-se registrado em jornais, contudo é nos artigos e ensaios – publicados em revistas e livros - onde encontramos o intelectual comunista na reflexão mais profunda e plena.

As obras de Rui Facó

Cangaceiros e Fanáticos é uma obra estruturada em três partes, a saber: Parte I, *O*

despertar dos pobres do campo; Parte II, *Canudos e o conselheiro*; e Parte III, *Juazeiro e o Padre Cícero*. A primeira vista, com a leitura dos títulos, destaca-se dois momentos de análise. O primeiro: o de destacar o movimento do “despertar dos pobres do campo” de forma geral; e o segundo momento, de percebê-los desde acontecimentos históricos particulares, na tentativa de compreender a história em processo. Vale mencionar que a segunda parte deste livro foi elaborada inicialmente em 1950, tendo sido publicada na *Revista Brasiliense* e na revista soviética *Nóvai i Novêichaia História*, em 1959.

No prólogo mesma obra, Rui Facó nos explica a utilização dos termos “cangaceiros” e “fanáticos”. Esclarece que enquanto o primeiro termo era de uso comum no sertão para definir os membros dos “bandos de insumissos que pegam em armas para viver de assaltos” (FACÓ, 2009, p. 19) o mesmo não se dava em relação ao último termo. Segundo Rui Facó, fora um termo que surgiu fora dos sertões, dos meios cultos, para designar os seguidores dos beatos. Assim, assinala ser “um termo impróprio, inadequado, sobre ser pejorativo.”(FACÓ, Op. Cit.). O seu estudo traz a marca de questionamento às teses dominantes que davam demasiado peso no elemento místico desses movimentos. O autor procura demonstrar os “fundos materiais” que motivaram o surgimento e desenvolvimento desses movimentos: “O que discutimos é a sua essência, a eclosão e a motivação das lutas no falso pressuposto de que elas têm no misticismo ou messianismo sua origem e seu fim.” (FACÓ, Op. Cit.). Assim:

Empreendemos aqui uma tentativa de compreensão daqueles fenômenos. Relatos existem, numerosos. Interpretação, nenhuma. Quando muito, este ou aquele autor se anima a emitir uma consideração a vôo de pássaro sobre as origens do cangaceiro ou do fanático.(FACÓ, Op. Cit., p.21).

Ainda, para ficar mais claro, Rui Facó identifica de que questionamentos partiu:

Foi nosso empenho dar respostas principalmente a estas indagações: Por que surgiu o cangaceiro? Por que surgiu o fanático? Que gerou o capanga? Que os fez desaparecer? Este livro é uma busca a respostas às inquietantes perguntas que se impuseram certamente ao autor como parte do processo mesmo de tomada de consciência nacional que alcançamos cada vez mais plenamente à medida que crescemos no domínio econômico, modifica-se toda nossa sociedade e nos integramos no conjunto universal dos povos com a nossa própria voz, as nossas características, e afirmamos a nossa individualidade. (FACÓ, 2009, p. 22)

Cangaceiros e Fanáticos foi uma obra póstuma. Quando o autor faleceu, em março de 1963, o livro estava prestes a ser lançado pela Editora Civilização Brasileira. Isto ocorreu em 28 de abril de 1963, na Livraria São José, Rio de Janeiro. Na ocasião, foi o mais alto dirigente do PCB, Luiz Carlos Prestes, quem autografou os livros em substituição ao autor falecido. A

referida obra alcançou a décima edição no ano de 2009, quarenta e seis anos desde a primeira edição.

Decorridos cinquenta anos desde sua primeira edição, a significativa estampa de seguidas edições da referida obra, é um indício do continuado interesse acerca dos estudos da lavra de Rui Facó¹. Então, que teria provocado esse interesse a tal ponto de serem publicadas seguidas edições? Parece-nos que o fundamental para explicar isso seja o fato de que Rui Facó, cuja maturidade intelectual parece se expressar na obra *Cangaceiros e Fanáticos*, foi um dos primeiros intelectuais de seu tempo a questionar as teses de Euclides da Cunha sobre os chamados movimentos messiânicos. Em contraste, Facó buscou o entendimento acerca da gênese desses movimentos como uma expressão da Questão Social no Brasil. Ao que parece, até a década de 1950, foram hegemônicas as teses euclidianas nas quais apontavam como gênese dos movimentos messiânicos e do cangaço a determinação do meio sobre o homem, as condições biológicas, e a miscigenação racial, além de abordá-la como expressão do atraso do mundo rural. O autor de *Cangaceiros e Fanáticos*, ao contrário das teses euclidianas, defende que na concentração da propriedade da terra radica a explicação dos conflitos sociais de base rural e mesmo a base de explicação da formação do povo brasileiro.

A década de 1950 é caracterizada por intensas lutas sociais no mundo rural brasileiro, como apontado por Rui Facó, “o despertar dos pobres do campo” marca sua tomada de consciência enquanto sujeitos de ação. Instigados por estes movimentos, intelectuais militantes do PCB procuraram explicar noutros moldes a gênese daqueles conflitos. Rui Facó investigou a natureza e historicidade desses fenômenos sociais. O autor de *Cangaceiros e Fanáticos* buscou compreender como foi se desenvolvendo determinado modo de interpretar a realidade brasileira, o qual identificava na concentração da propriedade da terra o fundamento explicativo. Nesse sentido, o entendimento da formação social brasileira é o plano de sua análise acerca do protagonismo dos camponeses em meio aos conflitos rurais, aqui retomado em sua vigência quanto à interpretação do Brasil do século XX.

Contudo, retomar os estudos em torno dos marcos analíticos de Rui Facó, como parte de um programa intelectual e político de interpretação do Brasil, é condição de possibilidade de examinar sua reflexão acerca dos movimentos ditos messiânicos e do cangaço como articulados à questão social e, em específico, a questão agrária. Inclusive, seu questionamento

¹. A sequência de seguidas edições foi a seguinte: 1965, 2ª edição; 1972, 3ª edição; 1976, 4ª edição; 1978, 5ª edição; 1980, 6ª edição; 1983, 7ª edição ; 1988, 8ª edição; 1991, 9ª edição. Com exceção da sexta edição – co-edição da Civilização Brasileira e Edições UFC - todos foram editados pela Editora Civilização Brasileira desde a sua primeira edição. A oitava e nona edições foram pela Editora Bertrand Brasil.

do termo “fanático” para designar o movimento intitulado messiânico. Desse modo, não se pretende aqui ajuizar equívocos ou acertos na análise de Rui Facó e seus contemporâneos, mas identificar, em perspectiva histórica, suas matrizes intelectuais, as influências, a leitura do repertório marxista em sua recepção no Brasil, seus interlocutores e os contextos sócio-históricos em que estavam inseridos como ativos intelectuais militantes de extração comunista.

A matéria do tempo presente, amplamente tratada em sua labuta no periodismo comunista, como no já citado *Novos Rumos*, se articula ao pretérito das lutas camponesas, não apenas como evocação ou testemunho de um legado. Neste ponto, Leonilde Medeiros, assevera que a matéria do tempo vivido no autor em estudo, decorre do fato de que “O presente de Facó era lido por ele como um tempo de mobilização e esperança” (MEDEIROS: 2009, p.17). Para a pesquisadora, a compreensão de Rui Facó acerca dos pobres do campo como sujeitos de história radica na própria afirmação de Facó, para quem os camponeses expropriados dispunham agora “da mais poderosa das armas, uma arma que não possuíam antes: vão ganhando consciência de sua situação de míseros explorados e oprimidos e se organizam como jamais se organizaram os trabalhadores do campo no Brasil” (FACÓ, Op. Cit., p.236).

A outra obra, *Brasil Século XX*, foi um trabalho escrito a pedido de uma editora argentina, a Editorial Platina, dentro de um plano geral de publicações acerca da história de cada um dos países latino-americanos. Foi a primeira obra da “Colección Problemas de América”. Essa informação é importante para sabermos a que fim se devia a obra. Tratou-se de um livro voltado para o público estrangeiro, com objetivo de interpretar o Brasil do século XX, apresentando uma visão panorâmica sobre a história brasileira da primeira metade e início da segunda do século. No Brasil foi publicada em 1960, pela Editorial Vitória², tendo em vista que era um esforço de interpretação, segundo texto da orelha do livro, pertinente também para o público brasileiro³. Na ocasião do lançamento, Astrojildo Pereira teceu comentário acerca da importância do livro para a época vivida. Reproduzimos a seguir um trecho do comentário. O crítico assinala o seguinte:

Contam-se pelos dedos os livros brasileiros dedicados ao estudo dos problemas brasileiros, cuja elaboração se tenha feito à luz do marxismo. Somos de uma pobreza mais do que franciscana neste particular. Daí que a publicação de um livro desse tipo tome desde logo as proporções de um verdadeiro acontecimento, como é

² Principal editora do PCB. Iniciou suas primeiras publicações em 1944, mantendo-se em atividade até 1964. Para nosso estudo é de fundamental importância identificar quais foram os principais títulos que a editora publicou durante sua existência. Isso nos oferece vestígios do que se lia e difundia na batalha das ideias.

³ *Brasil Século XX* foi traduzido e teve edições, além de Castelhana, em Russo, Italiano, e Tcheco.

caso agora do volume de Rui Facó – *Brasil Século XX*, dado à lume pela Editorial Vitória em bonita apresentação gráfica.

[...] O livro de Rui Facó destaca-se, na abundante safra bibliográfica das últimas semanas, precisamente por constituir uma obra de escritor marxista, um escritor que amadureceu seu espírito realizando assíduas pesquisas nos domínios da história política, econômica e social do Brasil. É seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor. Digamos ainda que *Brasil Século XX* é uma obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica. (PEREIRA, 1961, p.5)

A partir da resenha, percebemos tratar-se de uma obra circunscrita no caudal daquelas que buscavam enriquecer o conhecimento sobre o Brasil e superar as debilidades no campo das interpretações marxistas. *Brasil Século XX* aparece como resultante de um labor exaustivo de um jornalista, escritor, crítico literário, estudioso dos problemas brasileiros, que escreveu uma obra interpretativa do Brasil destinada ao grande público.

Brasil Século XX foi estruturada em cinco partes. A primeira, intitulada *O passado: nascimento de um povo*, trata, em grandes traços, da formação do povo brasileiro e o caráter de sua nacionalidade. Na segunda parte, *Encontro do passado com o presente*, busca definir as particularidades brasileiras e os sujeitos, classes sociais, resultantes do processo histórico particular. Na terceira parte, *Inicia-se a ruptura com o passado*, o movimento da história se acelera com as mudanças vigorosas ocasionadas pelo crescimento da indústrias, modificando o perfil das cidades e das relações sociais. Na quarta parte, *Fôrças em choque no Brasil atual*, após traçado, nas partes anteriores, um esboço do quadro de surgimento e movimentação das principais classes sociais no Brasil com seus instrumentos de luta – os partidos políticos (dá especial atenção ao PCB), sindicatos operários, forças armadas, poderes do Estado, a Constituição, movimento estudantil, a imprensa e o movimento nacionalista - , Rui Facó analisa o conflito entre elas onde se expressa concretamente. Na quinta parte, *A afirmação do presente: caminhos do futuro*, percebemos as grandes lutas travadas em sua época: luta pela independência econômica e política; pela reforma agrária; o desenvolvimento da indústria; melhoria das condições materiais e espirituais do povo brasileiro; e pela democracia.

Ainda no final da obra, no apêndice, tem um especial revelado para nosso estudo a *cronologia política e econômica do Brasil* traçada por Rui Facó. Nesta aparece os fatos da história do Brasil assinalados como marcantes para sua interpretação do Brasil do século XX. Percebe-se em uma simples mirada que são fatos que indicam uma história movimentada pelos conflitos de interesses de classes, com especial destaque para os acontecimentos a partir de 1930, entendido como momento de reviravolta na história brasileira.

É com uma perspectiva de história em processo que Rui Facó busca compreender o

momento dinâmico vivido. O intelectual comunista tece uma perspectiva de futuro condizente com as problemáticas postas por sua época. Para escrever esta história, Rui Facó questiona a leitura dominante, como assinalado no seguinte trecho:

E se fazendo história assim agem as classes dominantes, [...] Pretende-se obstinadamente basear a história do Brasil em obra do acaso. Por acaso fomos descobertos pelos navegadores portugueses. A independência política nos veio de um simples arrôbo e um gesto, seguido de um brado – *Independência ou Morte!* - do Príncipe português regente. A República, simples fruto de uma quartelada. Esquece-se que à época da chegada de Cabral ao Brasil a América já estava descoberta. Não se levam em conta as lutas sangrentas, as perseguições ferozes, as atrozes repressões movidas pelas autoridades coloniais antes da independência. Procura-se ocultar a longa e fecunda agitação antimonárquica que precedeu a República. E a abolição dos escravos, nem se fala, foi dádiva de uma princesa...
Por que êsse ocultamento sistemático dos fatores decisivos dos acontecimentos históricos, êsse empenho de negar a ação dos homens, os fatos sociais, quando não os econômicos, no processo evolutivo do Brasil? (FACÓ, 1960, p. 33)

O seu questionamento nos convida a ler seu livro tendo em conta que encontraremos nos escritos uma perspectiva das classes dominadas que desenvolve uma narrativa explicativa dos “fatores decisivos dos acontecimentos históricos”, onde se procura identificar a ação dos homens na história do ponto de vista das lutas de classe. A partir dessa compreensão, podemos dizer que Rui Facó é um continuador e difusor de uma perspectiva de história questionadora das ideias dominantes. Isso é importante para perceber que teses foram defendidas pelo autor em oposição aquelas dominantes vigentes.

Os escritos nas revistas *Estudos Sociais e Brasiliense*

Para o caso das Revistas, há que se buscar o aporte de estudos que abordam os projetos editoriais de Caio Prado Jr. (Revista Brasiliense) , Astrojildo Pereira (Revista Estudos Sociais) e outros mais. Ao lado da necessária contextualização dos programas editoriais das Revistas, anunciados em seu primeiro número; buscaram-se os artigos de Rui Facó, inclusive como matéria experimental do desdobramento de suas leituras e reflexões.

Rui Facó publicou a maior parte dos seus mais importantes textos no final da década de 1950 e início da década de 1960. Nesse sentido, encontramos parte de seus escritos em duas importantes revistas, *Brasiliense* e *Estudos Sociais*, críticas de livros, ensaios e artigos. As duas revistas mencionadas surgiram em um contexto de reorganização do projeto editorial dos comunistas para as lutas do período. Contudo é necessário destacar que, das revistas, somente a *Estudos Sociais* foi uma revista orgânica do PCB. A *Brasiliense* surgiu de forma

independente, mas dentro do campo comunista. Inclusive, seus principais organizadores e colaboradores foram militantes comunistas do PCB.

A revista *Estudos Sociais*, com periodicidade bimestral, editada no Rio de Janeiro, circulou entre os anos 1958 e 1964. Alguns indícios evidenciam que a revista teve certa relevância e ressonância no meio intelectual. Segundo Antonio Rubim (2007), pode-se considerar dois elementos indicativos disso: a tiragem média da revista, de 2 mil a 3 mil; e o fato de encontrar, de forma fácil, diversas edições da Revista em bibliotecas localizadas em diferentes cidades do Brasil. Isso pode ser reforçado pela informação constante na Revista no que se refere aos representantes da mesma em importantes centros do país, a saber: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Recife e Fortaleza.

Na revista *Estudos Sociais* encontramos sete escritos de Rui Facó, sendo quatro escritos dedicados a crítica de livros, dois ensaios acerca da produção escrita de dois importantes escritores e um escrito em forma de notas. Em relação às críticas de livros, temos os seguintes, a saber: “*História Sincera da República*” ou *a negação do povo na História*, nº 1, maio-junho de 1958; *O niilista Otávio Brandão*, nº 2, julho-agosto de 1958, p. 245-248; *Crítica do livro Revolução e Contra-Revolução*, de Franklin Oliveira, nº12, abril de 1962, p. 499-502; *Crítica do livro Crise econômica no Rio Grande do Sul*, de Paulo Shilling, nº12, abril de 1962, p. 502-504. Nesses escritos percebemos Rui Facó no labor de crítico, polemista, de intérprete atento ao debate sobre a realidade brasileira. Em um deles o intelectual comunista – no *Crítica do livro Revolução e Contra-Revolução*- se reconhece como um dos pensadores brasileiros que tem como matéria de estudo e reflexão o processo histórico brasileiro. Noutro - *Crítica do livro Crise econômica no Rio Grande do Sul* - o debate sobre a questão agrária é o tema privilegiado. Em *O niilista Otávio Brandão* temos pistas de como Rui Facó procede com suas análises literárias, situando-as no processo histórico. Enfim, podemos apontar que, dentre as críticas, a mais importante para nosso estudo seja o “*História Sincera da República*” ou *a negação do povo na História*, tendo em vista que neste escrito crítico podemos compreender sua perspectiva de história, suas leituras, sua base teórica e teses sobre a História do Brasil.

Os ensaios *O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil*, nº 2, julho-agosto de 1958, p. 185-189; e *A evolução do pensamento de Euclides da Cunha*, nº 6, maio-setembro de 1959, p. 149-165, são ensaios importantes para podemos entender como Rui Facó constrói sua interpretação baseado no pensamento elaborado desde obras literárias. Vale destacar que Euclides da Cunha foi uma das principais referências para o intelectual

comunista. No intento de compreender o pensamento e obra de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, expõe suas ideias sobre dois intérpretes do Brasil, em sua consideração.

As notas, *Notas sobre o problema agrário*, nº11, dezembro de 1961, p.149-165, como se pode facilmente perceber, são dedicadas ao problema agrário brasileiro. Trata-se de um escrito que historiciza, a partir de oito notas, o problema agrário no Brasil. Podemos compreender, a partir das notas, suas teses sobre uma questão fundamental para o momento histórico, a questão agrária. Aparece no texto sua caracterização sobre o questão agrária no Brasil e sua concepção de reforma agrária. Da mesma forma, defende uma série de medidas como programa político agrário.

Os escritos na revista acompanharam o momento de renovação do pensamento comunista. Em interessante estudo sobre a *Estudos Sociais*, Santiane Arias (2003) expressa a seguinte conclusão:

[...] a revista Estudos Sociais vem acompanhada de um movimento de abertura teórica. Sendo um esforço significativo no sentido de romper com toda a produção cultural, sempre presente e muito forte no Partido, mas ao mesmo tempo sempre subjugada a fins políticos partidários. Nesse sentido, o modelo de imprensa doutrinária, direcionada para o informe, a propaganda e a educação do militante é repensado. *Estudos Sociais* foi uma iniciativa diferente. Apresentando um perfil mais teórico e plural, constitui-se num importante meio de discussão e divulgação de ideias e pensadores. (ARIAS, 2003, p.143).

Podemos discordar de Santiane no que se refere ao rompimento com os “fins partidários”, tendo em conta que a revista surgia como expressão de uma nova política do PCB – assim, continuando a serviço dos “fins partidários” -, mas nos parece fundamental entender em que cenário os escritos de Rui Facó são publicados e a que interesses são devidos.

A *Revista Brasiliense*, publicada entre 1955 e 1964, bimestralmente, em São Paulo, foi uma revista organizada pelos intelectuais comunistas Caio Prado Jr e Elias Chaves Neto, sob a influência do marxismo e do movimento nacionalista, tendo como eixo central de preocupações "em torno da qual se congreguem escritores e estudiosos de assuntos brasileiros interessados em examinar e debater os nossos problemas econômicos, sociais e políticos"(REVISTA BRASILIENSE, 1955, p.1). A revista se propunha a ser:

Mais do que uma simples publicação, será, portanto, um centro de debates e de estudos brasileiros, aberto à colaboração de todos os que já se habituaram ou se disponham a abordar sèriamente êsses assuntos e nela terão o meio não só de tornar conhecidos os seus trabalhos, como também de influir sôbre a opinião pública levando-a a melhor compreender os problemas que afetam a vida do país.(REVISTA BRASILIENSE, Op. Cit., p.2)

Como já mencionado, a revista surgiu de uma iniciativa independente do PCB,

agregando contribuições teóricas de diversas matizes do campo da esquerda e nacionalista. A *Revista Brasiliense* tornou-se uma fonte indispensável para quem deseja perscrutar o debate intelectual dessa época.

Na *Revista Brasiliense* encontramos três ensaios de autoria de Rui Facó: *A guerra camponesa de canudos* (1896-1897), nº 20, novembro-dezembro de 1958, p.128-151; *A guerra camponesa de canudos* (1896-1897) – (conclusão), nº 21, janeiro-fevereiro de 1959, 162-183; *Juazeiro e o Padre Cícero*, nº38, novembro-dezembro de 1961, p. 108-124. São ensaios sobre um dos temas mais debatidos na revista: a questão agrária. Rui Facó deu sua contribuição ao debate com escritos que historicam as lutas dos “pobres do campo”, tendo por esforço a tentativa de explicar as bases que provocaram os conflitos. Predominava certa ótica que considera a luta dos trabalhadores como “banditismo”. Na palavras do intelectual comunista, as classes dominantes:

Precisavam ocultar as verdadeiras causas das lutas que surgiam no campo, esconder seus reais objetivos. Procuraram sempre, através de toda a história do Brasil, desvirtuar essas lutas no nascedouro, apresentando-as como simples atos de banditismo.⁴

Com a publicação destes escritos, Rui Facó disponibilizou ao público uma síntese de seus estudos, levados a cabo, pelo menos, desde a década de 1940⁵, de combate às teses dominantes. Os artigos, resenhas e ensaios, pelos temas analisados, evidenciam que estes foram momentos de divulgação de sua elaboração teórica e nos indica suas principais questões de estudos, publicadas nos seus dois principais trabalhos: *Brasil: século XX* (1960) e *Cangaceiros e Fanáticos* (1963).

Os escritos no Jornal *Novos Rumos*

No periódico *Novos Rumos* encontramos Rui Facó no grupo de redação, ao lado de Almir Matos, Josué Almeida, Paulo Mota Lima, Maria da Graça e Luís Ghilardini. Tratava-se do órgão semi-oficial do PCB (FERREIRA, 2011, p.3), semanário publicado no Rio de Janeiro, de circulação nacional e dirigido por Mário Alves e Orlando Bomfim, expressão do momento de mudanças que passava a linha política do PCB. Nesse sentido, a designação do periódico “Novos Rumos” é significativa.

⁴. A guerra camponesa de canudos (1896-1897), *Revista Brasiliense*, nº 20, novembro-dezembro de 1958, p.128-151.

⁵ Rui Facó comenta no prólogo do seu *Cangaceiros e Fanáticos* que os escritos dedicados a Canudos foram elaborados inicialmente em 1950.

No seu primeiro número, o jornal assinala que surgia diante da necessidade de: “assegurar ao pensamento de vanguarda da classe operária um órgão de difusão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social”(NOVOS RUMOS, 1959, p.1). Podemos inferir, com esta declaração, que o jornal foi um instrumento de intervenção a serviço das lutas desde o chamado movimento nacionalista e democrático que se formava na época, cujo auge foi a luta pela reformas de base na primeira metade da década de 1960. Contudo o jornal deixa claro que integrasse nesse movimento para defender os interesses da classe operária, colocando-se como difusora das lutas dos trabalhadores do campo e da cidade, sendo a apreciação dos fatos realizada desde uma perspectiva marxista.

No *Novos Rumos* encontramos oitenta e seis escritos assinados por Rui Facó, sobre diversos temas – dos quais se destacam: conjuntura internacional, crítica literária, problema agrário brasileiro. Para a nossa pesquisa nos interessa, pelo menos de imediato, os escritos referentes aos temas e autores brasileiros, considerando que neles encontraremos os vestígios que nos indicará sua interpretação do Brasil. Do conjunto de escritos sobre o Brasil, publicados no *Novos Rumos*, nos salta aos olhos Rui Facó no labor de jornalista, escritor e crítico literário, destacando-se as séries de reportagens, ensaios e notas sobre livros.

O intelectual comunista escreveu diversas reportagens para o semanário, analisando a situação dos trabalhadores do campo e da cidade. Em uma série de reportagens - como as seguintes: “Capitais do jaguaribe e Cariri ocupam posições da Anderson Clayton” (Nº 79, 2 a 8 de setembro de 1960, p. 4); “Culto ao Padre Cícero desapareceu com a decadência do latifúndio” (Nº 80, 9 a 15 de setembro de 1960, p. 8); Nos engelhos do Cariri: 12 a 16 horas de trabalho (Nº 81, 16 a 22 de setembro de 1960, p.9); Os velhos cantam nas feiras, os jovens querem moscou”(Nº 84, 7 a 13 de outubro de 1960, p. 9), acerca da situação do povo trabalhador no interior cearense e das transformações econômicas que passava o sertão por conta do declínio do poder do latifúndio - Rui Facó traça um relato vivo de tudo que observa. Podemos considerar as reportagens como notas de viagem, tendo em vista ser comum encontramos uma narrativa na primeira pessoa, trechos das conversas com pessoas entrevistadas, assim como agradecimentos às pessoas, em geral trabalhadores e apoiadores do *Novos Rumos*, pelo apoio e acesso aos dados e informações para elaboração da reportagem.

Em relação aos ensaios, destacamos dois aqui. São os seguintes: “A permanência de Euclides da Cunha” (Nº 25, 14 a 20 de agosto de 1959, p.4) e “Tiradentes – o que ensinou o caminho da liberdade” (Nº 60, 22 a 28 de abril de 1960, p. 9). Trata-se de ensaios tem em

comum trazer a lume a memória de dois distintos personagens da História do Brasil.

Rui Facó escreve o ensaio sobre o pensamento de Euclides da Cunha em memória dos 50 anos de assassinato do autor de “Os Sertões”. O intelectual comunista traça um perfil biográfico do mesmo e destaca o papel que teve a Guerra de Canudos na efetivação do pensamento revolucionário de Euclides da Cunha. Rui Facó esclarece que o interesse por esse intelectual se dá por conta de sua atenção aos problemas do povo, sendo um dos poucos que realçou a esperança no futuro do País, apesar das suas influências teóricas apontarem para o contrário. No outro ensaio, assinala momentos da trajetória do Tiradentes e a história da Inconfidência mineira, colocando como um dos exemplos que nos ensinou o “caminho da liberdade”. Nota-se nestes ensaios um cuidado com os momentos e personagens que afirmam a nacionalidade brasileira e a esperança no futuro. Podemos inferir, a partir da leitura dos ensaios, que Euclides da Cunha foi um dos autores fundamentais para a formação do pensamento de Rui Facó sobre o Brasil, por isso recuperar seu pensamento, destacando questões que poderiam difundir determinada leitura do pensamento de Euclides da Cunha desde as problemáticas do seu tempo. Da mesma forma, recuperar a história dos inconfidentes, a partir do Tiradentes, pode significar a atenção dada ao movimento nacionalista na sua luta pelo desenvolvimento do Brasil e independência econômica.

Temos em *Novos Rumos* uma grande quantidade de resenhas críticas de livros da lavra do nosso autor estudado. Inclusive existiu uma coluna dedicada ao exercício de crítica e divulgação de publicações, designada “Notas sobre livros”, sob a responsabilidade de Astrojildo Pereira, sendo substituído em diversos números por Rui Facó. Contudo, o exercício de crítica de livros é algo constante. Nos seguidos números de *Novos Rumos*, é recorrente encontrarmos críticas de obras acerca da conjuntura, da questão agrária, de teoria, de literatura, da História do Brasil, tais como: Crítica do livro de J. Salgado Freire, Para onde vai o Brasil (Nº 55, 18 a 24 de março de 1960, pg. 5); Análise da obra “Ideologia do Colonialismo”, de Nelson Werneck Sodré (Nº 122, 7 a 13 de julho de 1961, p. 4); Resenha do livro “Escritos de Lenin sobre o problema agrário” (Nº 136, 15 a 21 de setembro de 1961, p. 5); Sobre o romance de Jader de Carvalho, “Sua majestade, o Juiz” (Nº 104, 3 a 9 de março de 1961, p. 5).

Nesses escritos Rui Facó está preocupado em difundir uma perspectiva que polemiza e chama a atenção do leitor para aspectos considerados fundamentais acerca das obras. Pode-se dizer que em alguns momentos é um guia de leitura, em outras trata-se de uma análise elaborada para convencer o leitor da validade de sua crítica. Também podemos apontar que as

notas sobre livros cumpre um papel educativo voltado para a formação de uma consciência política. Já no primeiro número do *Novos Rumos* aparece essa preocupação, ao declarar: “esperamos contribuir, [...], para a educação e o esclarecimento dos trabalhadores brasileiros, para a formação de sua consciência política.”(NOVOS RUMOS, 1959, p.1). Vemos nos escritos publicados no periódico o pendor ao argumento teórico e às elaborações sobre a formação social do Brasil, anunciando seu alicerce para a construção das formulações sobre a formação social brasileira (PINHEIRO, 2014).

Conclusão

Podemos assinalar que para a realização desta pesquisa, compreende-se que a existência de um significativo rol de fontes, torna possível atender aos objetivos propostos, bem como inventariar de modo analítico a escrita de Rui Facó, nos diversos suportes da cultura escrita de seu labor intelectual, discorrendo sobre temas variados como a literatura, a cultura, a economia e a política.

Tivemos como objetivo apresentar de forma preliminar, por isso parcial, um conjunto de fontes nas quais temos como hipótese trata-se de indícios de uma determinada interpretação do Brasil. Rui Facó foi partícipe de um movimento de elaboração de uma leitura da realidade brasileira. As revistas, os jornais e editoras do PCB foram aparatos políticos-culturais privilegiados para a difusão destas. Assim, as compreendemos como fontes impreciáveis para a compreensão de como se deu essa elaboração, quais eram os temas e questões principais, seus pressupostos e teses. Faz-se, desse modo, necessário entender a proposta editorial dos aparatos-políticos culturais e que papel exerce Rui Facó em alguns deles. Para tal empreitada, buscamos analisar os escritos do Rui Facó inseridos nesse movimento de renovação teórica e de questionamentos das teses dominantes, exercitando uma escrita contra-hegemônica.

Neste estudo, o interesse central da pesquisa converge para a análise dos escritos de Rui Facó, em seu esforço de interpretação, de explicação do Brasil. Filho de seu tempo, sua escrita de denúncia e compromisso, é, em alguma medida, fruto também do aprendizado nas redações de jornais e revistas e do contato com os círculos de intelectuais militantes comunistas. Assim, a importância do estudo da elaboração do pensamento de Rui Facó sobre o Brasil nos interessa na medida em que poderemos compreender mais sobre sua época e

labor intelectual de interpretação do Brasil no sentido de identificarmos as chaves explicativas que estiveram em voga.

Referências bibliográficas

ARIAS, Santiane. **A revista *Estudos Sociais* e a experiência de um “marxismo criador”**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduados em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 2003

FACÓ, Rui. **Brasil Século XX**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1960.

_____. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu Conheci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FERREIRA, Jorge. **Os Comunistas e os Novos Rumos**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, junho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300311193_ARQUIVO_OscomunistaseosNovosRumos.pdf

MEDEIROS, Leonilde Sérvalo de. Apresentação In: FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PEREIRA, Astrojildo. Notas sobre Livros. **Novos Rumos**, nº96, 30 de dezembro de 1960 a 5 de janeiro de 1961, p.5.

PINHEIRO, Milton. Rui Facó. In: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (Orgs.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRADO JR., Caio. **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

RUBIM, A. A. C. **Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil**. In: MORAES, João Quartim de. (org.) **História do Marxismo no Brasil . v. 3. Teorias. Interpretações**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

VINHAS, Moisés. **Aspectos da Vida e da Obra de Rui Facó. Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, 1963.